

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ANTE-ESTREIAS  
20 de Janeiro de 2024

## GLORY DAYS / 2024

Realização: Constantino Martins / Imagem: Bárbara Lago, Nuno Maia Vilela, Nuno Ferreira Santos / Som: Nuno Veiga / Música Original: Miguel Cruz / Montagem e Color Grading: Jorge de Almeida.

Produção: Constantino Martins e Nuno Maia Vilela / Cópia: DCP, cor, 85 minutos, versão original falada em português / Primeira apresentação.

---

Com a presença de Constantino Martins

---

Este documentário pretende focar um desporto de combate com origem na Tailândia designado por Boxe Tailandês ou *Muay Thai*. Na impossibilidade de fazer um filme total, e que retrate a origem deste desporto em Portugal, decidiu-se dar primazia a um dos seus pioneiros e recortar os anos 90 do final do século passado na cidade de Lisboa.

Idealmente o filme poderia ser um documento histórico fundacional, desde o lutador português que aparece num dos mais famosos filmes de acção e luta até uma cobertura nacional integral. Mas, provavelmente, isso serviria melhor uma série televisiva do que um filme documentário. Na verdade, este é um filme de época feita por amigos e com amigos. É esse fundo de amizade do filme que justifica em última instância a sua vontade de existir. Os intervenientes são quase na sua totalidade oriundos de um dos bairros mais paradigmáticos de Lisboa. À parte desse fundo justificativo inicial e final, o filme procura mostrar um pouco dos lutadores mais importantes desta época inicial do *Muay Thai* em Portugal, e do treinador que os une, quer através de algumas histórias e aventuras, quer essencialmente na partilha de memórias. E essa parece continuar a ser a essência do cinema: a memória, ou para memória futura.

Desta maneira, o documentário pretende cobrir a década de 1990 até aos primeiros anos do séc. XXI, permitindo um arco estético e existencial, que em termos técnicos coincide com diferentes matizes de imagem e técnicas de gravação, o que imprime uma identidade e características únicas a este filme dado que constitui simultaneamente um testemunho e arquivo singular da história do desporto em Portugal.

Constantino Martins

Constantino Martins. Lisboa. 1974- . Realizador independente. Dedicou-se ao cinema documental entre 1998 e 2014. Inicialmente filmou sobre música, tendo depois aprofundado a sua relação com África e particularmente com Cabo-Verde, terminando o seu percurso com dois ensaios filmicos sobre a memória do séc. XX e início do séc. XXI em Portugal. A sua obra encontra-se depositada no ANIM (Arquivo Nacional das Imagens em Movimento <https://www.cinemateca.pt/Servicos/Acesso-Arquivo-Filmico.aspx>).

Filmografia: *GLORY DAYS*<sup>1</sup> (2024), *TRAINING DAYS*<sup>2</sup> (2024), *A VOZ HUMANA*<sup>3</sup> (2014), *MEMENTO MORI*<sup>4</sup> (2012), *LÁBIOS DE TERRA*<sup>5</sup> (2011), *RESGATE*<sup>6</sup> (2008), *DAS ILHAS*<sup>7</sup> (2008), *A CONVERSA DOS OUTROS*<sup>8</sup> (2005), *MORABEZA*<sup>9</sup> (2004), *CAPITAL*<sup>10</sup> (2002), *AMADOR*<sup>11</sup> (2000)

---

<sup>1</sup>(85 min.) Sobre a modalidade desportiva de Muay Thai nos anos 90 e início de 2000 em Lisboa.

<sup>2</sup>(25 min.) Sobre o treino da modalidade desportiva de Muay Thai em 2007.

<sup>3</sup>(60 min.) Sobre a primeira década do Séc XXI em Portugal.

<sup>4</sup>(60 min.) Sobre a memória do Séc. XX em Portugal (dedicado à Ericeira).

<sup>5</sup>(55 min.) O que é um filme político? Poderá um filme colocar-se fora de um horizonte ideológico? Como pensar essa possibilidade? Trata-se aqui de um acesso à política pelo cinema. Ao que anteriormente era difícil de aceder: ao pequeno, ao anónimo, ao microscópico, ao sensorial. De contramaré aos grandes discursos edificantes, às grandes narrativas, a imagem do quotidiano permite aqui um acesso ao diário de bordo da existência, perspectiva simultaneamente ausente e situada, que encarna uma multidão anónima, categorizada num fim abrupto e potenciador, mas que carrega estigmatizada todo o silêncio de um êxodo. No fim de um império, entre o grande e o pequeno, este filme habita essa zona da microfenomenologia da percepção e da memória, onde a fantasmagoria do cinema nos devolve gestos do passado, espelhos do presente. Olham-nos directamente da complexidade absoluta da vida, rede tecida nessa fenda do tempo onde não há ordem de leitura.

<sup>6</sup>(73 min.) A partir do interior dos arquivos pessoais de João Freire tenta-se reconstituir uma memória perdida. Mais do que uma recolha etnográfica em Cabo Verde, mais do que dar a ouvir o Travadinha ao mundo, mais do que as fotografias, é a vida de João Freire que está intimamente ligada àquela rocha nua. O filme procura trabalhar várias texturas de imagem constituindo a busca pelos Super 8 um dos seus movimentos centrais. Por diferentes superfícies e suportes, no espaço entre a repetição e a diferença, a dignidade. A sombra do arquivo que se move do guardar ao resgatar, do acto de coleccionar ao silêncio do esquecimento. Desse silêncio que ameaça sempre cobrir tudo.

<sup>7</sup>(32 min.) Da sensação do tempo, do fragmento, diferença e repetição. E grau. A decomposição e a forma. A forma do tempo. E há nele uma ilusão de movimento contínuo para lá da persistência retiniana. O trabalho sobre a velocidade é exercido como uma tentativa de reconstituição, precisa, da verdade. O arrastamento da imagem, o arrastamento dos corpos, a intensidade da dor e da perda. O desmaio da velocidade enquanto insuportabilidade. O transe da dor, a quase imobilidade da imagem, o tempo que passa, que custa a passar, que abre o espaço, rasga-o, fende-o. *Vanitas?* Uma revisitação do passado, de um arquivo. “*Toute archive est un cimetière que l'on traverse*” (Derrida). Essa revisitação, essa restituição de sentido a partir do fragmento, do resto, vista também à luz de uma não-ordenação, de um abraço ao caos que pode ser entendido como interpretação, reapropriação, traição. Terra, ossos e pó. Filmado em Santo Antão.

<sup>8</sup>(22 min.) Co-realização com Nuno Lisboa. Numa cabine telefónica em Portugal, emigrantes brasileiros vêm repetir o mesmo gesto de ligação entre os dois lados do Atlântico. No relato do quotidiano, escutamos o que dizem e adivinhamos o que ouvem, num espaço indeterminado entre o público e o privado, o individual e o colectivo.

<sup>9</sup>(90 min.) Filmado em Lisboa e Cabo Verde, nas ilhas do Fogo e Santiago, Morabeza é um documentário centrado mais do que na música, em músicos cabo-verdianos, particularmente em violinistas. O olhar parte de Lisboa. Um documentário centrado na relação entre cabo-verdianos e a música a que se dedicam em paralelo com outras ocupações profissionais.

<sup>10</sup>(40 min.) Colaboração: Imagem e Montagem. Realização: Rui Ascensão. Sobre o grupo de teatro Artistas Unidos e a luta por um espaço próprio na cidade de Lisboa.

<sup>11</sup>(58 min.) Um percurso através das tascas de Lisboa. Este documentário conduz-nos a um universo de sons e palavras em desaparecimento, que encontramos por algumas tascas dispersas nos bairros de Lisboa Antiga, locais onde ainda se pode ouvir o Fado vadio. O Fado vadio define-se como sendo aquele que é cantado em tascas onde a porta está aberta a quem quer fazer da sua voz a expressão do que sente, recebendo por isso apenas o silêncio de quem o escuta e as palmas de quem com ele sente. Acompanhado por uma viola e guitarra cujo trinar tortuoso segue as palavras do fadista, o Fado sai à noite relatando histórias de amor, ciúme, traição, dor e alegria, sentimentos contraditórios de uma vivência urbana, bairrista. Prémio do Público (*ex-aequo*) nos XII Encontros Internacionais de Cinema Documental (2001).